

MINISTÉRIO DA CIDADANIA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA, E UNIBES CULTURAL APRESENTAM

FRONTEIRAS
EDUCAÇÃO

ANO 10 | #01 | 2019

A BIBLIOTECA QUE TRANSFORMOU O MUNDO





Biblios, o nome grego para livro, é uma homenagem à cidade fenícia de Biblos, de onde partiam mercadores que adquiriam no Egito a matéria-prima de que se fazia o livro: folhas resultantes da manufatura da planta *Cyperus Papyrus*, o papiro.

LIVROS que fizeram e fazem história

OS EGÍPCIOS

usavam o papiro também para fazer calçados, canoas, cestas e colchões, mas seu uso mais nobre era para escrever o livro sagrado, que acompanhava a múmia em sua viagem ao além. O livro dos mortos do Antigo Egito era um livro para ser lido pelo morto em seu julgamento diante do deus Osíris. Ele contém fórmulas mágicas com mais de 4.500 anos, ou seja, 2 mil anos antes de um outro livro que toma o nome grego, mas conta outras histórias, hebraicas: a Bíblia. Os assírios antigos criaram a primeira biblioteca, em 632 a.C., em Nínive: a biblioteca do rei Assurbanipal (685-627 a.C.), que continha mais de 30 mil tabletes de argila, com ciência e literatura babilônicas.

Depois disso, **Alexandre Magno** fundou Alexandria (331 a.C.), e nela o seu general, o rei grego Ptolomeu I, criou a Biblioteca de Alexandria, a maior biblioteca do mundo antigo, refundada em 2002, no moderno Egito. Com livros, autores e bibliotecas, a humanidade pôde avançar, criar escolas, universidades, a ciência, a literatura e até o cinema – com o roteiro que não deixa de ser um livro. Assim como os Estados mais poderosos, como Roma e o reino de Gengis Khan, que cresceram e um dia decaíram, as pessoas também nascem, vivem e morrem. Mas os livros permanecem por muitos séculos. Muitos deles mudaram a forma como vemos o mundo e como nos relacionamos.

E é a seleção de alguns títulos dessa biblioteca, que consideramos indispensáveis para esta revolução, que apresentamos neste fascículo.

Compartilhando HISTÓRIAS

Histórias têm sido compartilhadas em todas as culturas e localidades como um meio de entretenimento, educação e preservação do conhecimento. As primeiras formas de narrativa eram orais, combinadas com gestos e expressões. Com a invenção da escrita, foram gravadas e compartilhadas e começaram a “viajar” pelo mundo.

UM LIVRO

é um universo de valores muito mais profundo. Livros são como os fatos que vivemos: carregados de significado, formam quem somos. E as histórias são feitas de cultura, este conjunto de significados que expressa a identidade de uma comunidade, de um país e até mesmo da humanidade.

POR QUE O HOMEM CRIOU O LIVRO?

O que é essa vontade desde os mais primórdios tempos de compartilharmos nossas ideias e vidas? Do primeiro livro à internet e suas redes sociais, o desejo é o mesmo: conhecer o diferente e a nós mesmos.

Muitos livros mudaram a forma como vemos o mundo e como nos relacionamos. Essa é a biblioteca essencial do ser humano.



O PEQUENO PRÍNCIPE

(*Le petit prince*) – 1945
Antoine de Saint-Exupéry
(1900-1944), escritor,
ilustrador e piloto francês.

#ITALO CALVINO (1923-1985)

Romancista, contista e jornalista, Calvino foi um dos mais importantes escritores italianos do século XX.

#SYLVÈRE LOTRINGER (1938)

Filósofo e professor francês, é criador da revista e editora Semiotext(e), responsável por difundir o pensamento de importantes teóricos franceses nos EUA. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2008.

#WILLIAM SHAKESPEARE (1564-1616)

Poeta e dramaturgo inglês, é conhecido como o maior escritor do idioma inglês. Entre suas obras mais conhecidas estão *Romeu e Julieta* e *Hamlet*.

O livro e a leitura na cultura digital

As novas tecnologias trouxeram mudanças para os livros.

“No mundo eletrônico, é a mesma superfície iluminada da tela dos computadores que propicia a leitura dos textos, todos os textos, quaisquer que sejam seus gêneros e funções”

ressalta o historiador francês Roger Chartier, apontando as principais características das novas plataformas.

Porém, a cultura digital, que colocou todos os livros em uma mesma tela, também mudou a maneira de ler. Ampliou o acesso, possibilitou discussões e reduziu a falta de diálogo entre autor e leitor, entre aquele que ensina e aquele que aprende.



ALAIN DE BOTTON (1969)

Filósofo suíço, conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2011.

“Literatura é um instrumento que nos sensibiliza. Se cinco pessoas tivessem que descrever uma cena, todos a descreveriam de forma diferente. O grande autor é um radar das coisas que importam, dos momentos mais significativos. Este radar não é algo que devemos aceitar passivamente enquanto lemos um livro. É algo que devemos aprender e levar para nossas vidas.

Não se trata apenas de olhar o mundo de **Shakespeare** através dos meus olhos, é olhar para o meu próprio mundo através dos olhos dele. Essa é a inteligência da literatura, a sensibilidade. Quanto mais lemos, quanto mais nos aprofundamos nas lições extraídas, mais lentes criamos. E essas lentes nos possibilitam ver as coisas que teríamos deixado escapar.”

A experiência da leitura

A cultura formal da leitura impede a interação e a vivência dos textos, mas transforma a experiência do livro em consumo de histórias separadas do leitor.

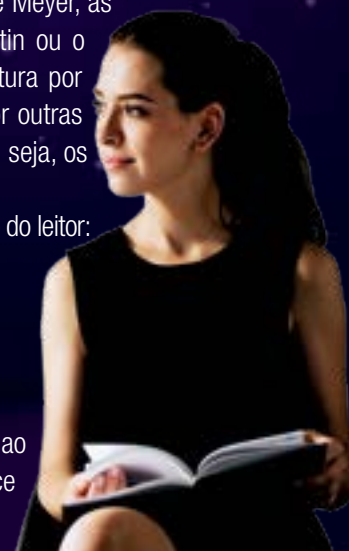
O filósofo **Sylvère Lotringer** explica que o aprendizado envolve extrair o significado das coisas e convertê-las em signos para expressar realidade.

Hoje em dia, uma época regida pelo consumo e pelo desejo de status, muita gente lê para dizer que leu ou que conhece determinado escritor. Essa é uma ideia comum na educação formal, que vem se dissipando com o mercado de livros voltados para jovens. Você conhece o bruxinho de J. K. Rowling, os vampiros de Stephenie Meyer, as disputas das famílias nobres de George R. R. Martin ou o mago de Paulo Coelho? É comum iniciar-se na leitura por livros que estão na moda, e depois se apaixonar por outras histórias, descobrindo também o cânone literário, ou seja, os livros clássicos da literatura.

É isso que **Italo Calvino**, disse a respeito do caminho do leitor:

“Os clássicos são aqueles livros sobre os quais você costuma ouvir pessoas dizendo: ‘estou relendo...’, e nunca ‘estou lendo...’”

Um livro se torna clássico por acompanhar o leitor ao longo de sua vida. E é isso que está ao nosso alcance e podemos descobrir.



O livro antes DO LIVRO

As pessoas sempre tentaram deixar suas marcas e suas memórias pelas terras onde passaram. Da pintura nas paredes até o livro, muitas foram as maneiras utilizadas para armazenar e transmitir conhecimentos e experiências.

MANIFESTAÇÕES NA PRÉ-HISTÓRIA

O homem do período pré-histórico era capaz de se expressar artisticamente através dos desenhos que fazia nas paredes de suas cavernas. As pinturas mostravam os animais e as pessoas da época, as como cenas de seu cotidiano, envolvendo caça, rituais, dança e alimentação. Através da arte rupestre, é possível obter informações sobre o tempo e os costumes de alguns grupos humanos.

No Nordeste do Brasil, nos estados de Rio Grande do Norte e Paraíba, se encontra a maior concentração de arte rupestre do mundo. O clima seco, a vegetação impenetrável e a dificuldade de ocupação em algumas áreas contribuíram para a conservação dessa arte. Mas é no Parque Nacional da Serra da Capivara, no sudeste do estado do Piauí, onde se encontram as mais antigas pinturas e gravuras rupestres da América Latina. São mais de 400 sítios arqueológicos com acesso à visitação, reunindo vestígios antiquíssimos da presença do homem, entre 50 a 60 mil anos atrás. Verdadeiros tesouros, com pinturas, ossos, cerâmicas e restos de fogueiras que estão provocando uma revisão da história do homem no continente americano.



ROGER CHARTIER (1945)

Historiador e professor francês, é ensaísta especializado em história das práticas culturais e história da leitura. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2007.

“Os estudos da história da leitura costumam esquecer dois importantes elementos: o suporte material dos textos e as variadas formas de ler. Eles são decisivos para a construção de sentido e a interpretação da leitura em qualquer época. *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, era lido em silêncio, como hoje, mas também em voz alta, capítulo por capítulo, para plateias de ouvintes. Todas as pesquisas nessa área formam um patrimônio comum com o qual os professores podem construir estratégias pedagógicas, considerando as práticas de leitura.”

Origem da escrita

Ao longo da história, a escrita percorreu uma longa jornada até chegar ao sistema atual utilizado. A Paleografia é a ciência que estuda as escritas antigas, seus símbolos e significados.



ESCRITA PICTOGRÁFICA

Uma ideia, um conceito ou um objeto é transmitido através de um desenho. A escrita pictográfica foi a origem de todas as formas de escrita, e, apesar dos milênios, a pictografia continua a ser utilizada, principalmente na sinalização do trânsito e de locais públicos, na infografia e em várias representações do design gráfico.



ESCRITA CUNEIFORME

Foi utilizada até a era cristã por vários povos que habitavam o antigo Oriente Médio. No início, a escrita era feita através de desenhos. Com o tempo, evoluíram do sistema pictográfico para a escrita ideográfica. O primeiro escrito conhecido é dos povos sumérios, na Mesopotâmia, e foi produzido antes do ano 4000 a.C.



ESCRITO EGÍPCIA

Conhecida por hieróglifo, que significava “gravação sagrada”, também usava sinais pictográficos, porém adaptados para diferentes objetivos, e foi usada até o século V. A palavra “olho”, por exemplo, era o desenho de um olho; para “choro”, acrescentava-se ao olho linhas representando as lágrimas.



ESCRITA IDEOGRÁFICA

Um sistema de escrita que se manifesta através de “ideogramas”: símbolos gráficos ou desenhos formando caracteres separados e representando objetos, ideias ou palavras completas, associados aos sons com que tais objetos ou ideias são nomeados no respectivo idioma. Exemplo: caracteres chineses e japoneses.



ESCRITA SILÁBICA

É um sistema onde cada símbolo é a combinação de sons de consoantes e vogais representando uma sílaba (silabismo). Assim, há um símbolo para o [bê, cê, cá, dê etc.]. A escrita etíope é uma escrita silábica.



ESCRITA ALFABÉTICA E FONÉTICA

É o nosso atual sistema de escrita. Consiste na representação dos sons de determinada língua pelas letras do seu alfabeto.



MONGES COPISTAS

Não existia computador, fotocopiadora ou sequer a velha máquina de escrever. Ainda assim, a civilização ocidental conseguiu transmitir o imenso legado cultural e filosófico das civilizações grega e romana através da escrita. Obras literárias e manuscritos de um mundo que deixaria de existir, demolido pelas invasões bárbaras do fim da Idade Antiga, sobreviveram. Isso aconteceu principalmente nos mosteiros da Igreja Católica, única instituição que resistiu. Esses lugares exerceram um papel na formação cultural, moral e religiosa e, ao mesmo tempo, eram um lugar de concentração de poder na sociedade. Os chamados monges copistas dedicavam-se à cópia e à redação de livros que, nessa época, eram escritos à mão e decorados com iluminuras (pinturas).

A travessia da PALAVRA IMPRESSA

Com uma história de mais de 6 mil anos para ser contada, o livro se utilizou de diferentes tipos de materiais até chegar ao livro impresso como o conhecemos.

Os sumérios guardavam suas informações em tijolos de barro.

Os indianos faziam seus livros em folhas de palmeiras.

Os maias e os astecas, antes do descobrimento das Américas, escreviam em um material macio existente entre a casca das árvores e a madeira.

Os romanos usavam tábuas de madeira cobertas com cera.

Os egípcios desenvolveram a tecnologia do papiro, uma planta encontrada às margens do rio Nilo, com suas fibras que, unidas em tiras, serviam como superfície resistente para a escrita hieroglífica.

Os rolos com os manuscritos chegavam a 20 metros de comprimento.

O desenvolvimento do papiro ocorreu em 2200 a.C., e a palavra *papyrus*, em latim, deu origem à palavra papel.

PERGAMINHO

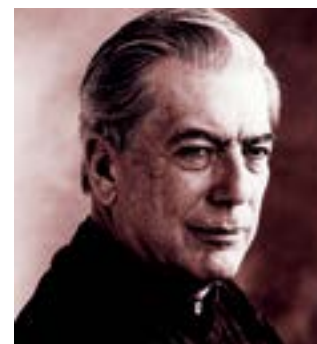
Nesse processo de evolução, surgiu o pergaminho, feito geralmente da pele de carneiro, que tornava os manuscritos enormes, e exigia a morte de vários animais. O papel, como o conhecemos, surgiu na China no início do século II feito com córtex de plantas, tecidos velhos e fragmentos de redes de pesca. A técnica baseava-se no cozimento de fibras do líber – casca interior de certas árvores e arbustos –, que eram estendidas até formar uma fina camada de fibras. As fibras eram misturadas com água em uma caixa de madeira até se transformar numa pasta. Mas a invenção levou muito tempo até chegar ao Ocidente.



Dados históricos mostram que o papel foi muito difundido entre os árabes, e que foram eles os responsáveis pela instalação da primeira fábrica de papel na cidade de Játiva, na Espanha, após a invasão da Península Ibérica, no ano de 1150. No final da Idade Média, a importância do papel cresceu com a expansão do comércio europeu e tornou-se produto essencial para a administração pública e para a divulgação literária.

A tipografia de GUTENBERG

JOHANNES GUTENBERG inventou o processo de impressão com caracteres móveis – a tipografia. Nascido em 1395 na Alemanha, ele trabalhava na Casa da Moeda, onde aprendeu a arte de trabalhos em metal. Em 1428, Gutenberg partiu para Estrasburgo, onde fez as primeiras tentativas de impressão. Em 1442, foi impresso o primeiro exemplar em uma prensa. De volta à sua cidade natal, em 1448, dá início a uma sociedade comercial com Johann Fust e fundam a “Fábrica de Livros”. Entre as produções está a conhecida **Bíblia de Gutenberg**, um trabalho que durou cinco anos e terminou em 1455. Foram produzidas 180 cópias da Bíblia em latim, 45 em pergaminho e 135 em papel. O livro tinha um total de 1.281 páginas.

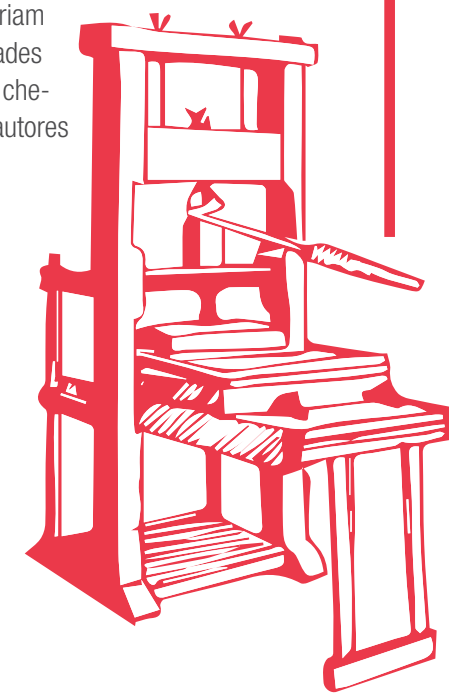


MARIO VARGAS LLOSA (1936)

Escritor peruano, Prêmio Nobel de Literatura, conferencista do *Fronteiras do Pensamento* nos anos de 2010, 2013 e 2016.

“A literatura não é gratuita. Um grande livro deixa uma marca na vida das pessoas, mas não acho que seja uma consequência planejada, não há uma relação de causa e efeito imediata e visível. Livros como *Madame Bovary* ou *Os sertões* mudaram a minha vida. Graças a livros como esses, sou diferente do que era e tenho certeza de que, em algum sentido, sou melhor do que era. Mas isso não pode ser demonstrado. Não há uma comprovação científica sobre os efeitos da arte e da literatura na conduta.”

Os caracteres móveis de chumbo, que podiam ser utilizados indefinidamente, a tinta de impressão e a prensa de imprimir mudaram definitivamente o mundo, em todas as suas dimensões: política, econômica, social e religiosa. Por sua enorme contribuição, **Gutenberg pode ser chamado de pai da tipografia moderna**. A partir do século XIX, aumenta a oferta de papel para impressão de livros e jornais, além das inovações tecnológicas no processo de fabricação. Histórias, poesias, contos, cálculos matemáticos e ideias poderiam assim ser impressos em quantidades maiores e percorrer mares e terras, chegando às mãos de povos que seus autores jamais imaginariam.



Um ato UNIVERSAL

Caminhando pelas ruas, andando de ônibus, encontramos gente de todas as idades, profissões, etnias, com um livro na mão. Naquele momento, eles compartilham um dos atos mais universais na humanidade: a leitura.

Ao abrimos um livro, estamos ao mesmo tempo sozinhos e acompanhados de toda a história da civilização. Mais do que escritor, **Alberto Manguel** se conceitua como um grande leitor. Dono de uma imensa biblioteca, aprendeu a ler aos quatro anos e nunca mais parou. Na adolescência, foi premiado com a tarefa de ler para um dos maiores escritores da história, Jorge Luis Borges, que perdeu sua visão ao longo da vida.

Nos excertos abaixo, retirados da obra *Uma história da leitura*, Manguel narra o mundo por meio dos momentos de leitura.

“Com uma das mãos caída ao lado do corpo e a outra apoiando a cabeça, o jovem **Aristóteles** lê languidamente um pergaminho desenrolado no colo, sentado numa cadeira almofadada, com um pé por cima do outro.”

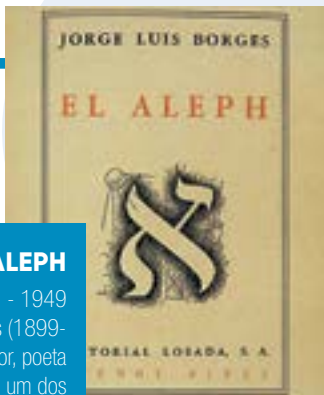
“A caminho da escola de medicina, dois estudantes islâmicos do século XII param para consultar um dos livros que levam consigo.”

“Todos são leitores, e os seus gestos, a sua atividade, o prazer, responsabilidade e poder que obtêm na leitura compartilho com eles. Não estou sozinho.”

“Apoiado num parapeito de pedra sobre o Sena, um jovem perde-se nas páginas de um livro (qual será?) que segura aberto à sua frente.”

O ALEPH

(*El aleph*) - 1949
Jorge Luis Borges (1899-1986), contista, tradutor, poeta e crítico, considerado um dos maiores escritores argentinos. Seus principais livros são *O Aleph* e *Ficções*, repletos de contos fantásticos que nos fazem questionar a realidade em que vivemos.



A forma de apreender O MUNDO

Entre os grandes inimigos da cultura oral está o tempo. Quando o conhecimento era transmitido em conversas ao redor da fogueira, o tempo se mostrava linear, pois não há possibilidade de interrupção ou de edição. O livro é o responsável pela grande inovação na percepção de tempo editado, ou não linear. Ou seja, você pode parar e retomar a leitura dias depois.

O problema é que, cada vez mais, a leitura está sendo fragmentada na tela. De pesquisa a pesquisa em ferramentas de busca na internet, lemos apenas os pedaços que queremos. Para buscar algo específico num livro, precisamos ir folheando e lendo o que se passou. Já as ferramentas de pesquisa virtuais nos propiciam um corte abrupto na leitura.

Isso tem alterado nossa forma de apreender o mundo, pois a leitura não ensina apenas histórias. Ensina cultura, significado e tempo. Muitos neurocientistas, como **Susan Greenfield**, estão preocupados porque estamos acelerados demais, indo muito rápido para aquilo que procuramos. Estamos perdendo a capacidade de entender os processos, os caminhos da vida que não podemos “editar”. A cultura do livro é uma grande aliada na retomada do tempo linear. Ao lermos um livro inteiro – até mesmo as partes chatas –, ensinamos nosso cérebro que nem tudo é prazeroso ou à

primeira vista importante, mas que é preciso passar por aquilo para chegarmos onde queremos.

Os livros mudam o olhar de um indivíduo sobre o mundo e, com isso, o mundo todo. Livros que trouxeram grandes descobertas científicas e desafiaram a verdade religiosa.

Livros de séculos atrás que plantaram o solo para a maneira como estudamos a vida dentro e fora de nós.

#ALBERTO MANGUEL (1948)

Escritor, tradutor e editor argentino. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2014.

#ARISTÓTELES (384 A.C.-322 A.C.)

Filósofo grego, aluno de Platão. Juntamente com Platão e Sócrates, é visto como um dos fundadores da filosofia ocidental.

#SUSAN GREENFIELD (1950)

Cientista e professora britânica. Pesquisa o “futuro do cérebro”, tema de sua conferência no *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2012. Greenfield está descobrindo que a aceleração da tela causa perda de importantes processos mentais e tem lutado para que as escolas e os pais valorizem a interação dos jovens com a vida “real”.



CARLO GINZBURG (1939)

Historiador, antropólogo e professor italiano, é conhecido como um dos pioneiros no estudo da micro-história, a história que se interessa pelos detalhes e pelo contexto como um todo. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2010.

“Quando eu era criança, sonhava em ser escritor, o que era até previsível, já que minha mãe era romancista. Apesar de eu escrever sobre temas históricos, aprendi muito com os romances. Historiadores utilizam muitos tipos de narrativas, e há um conteúdo que fica entre a narrativa ficcional e a narrativa histórica. Depois, pensei em ser pintor. Pinte na adolescência, cheguei a estudar um pouco de pintura, mas, num determinado momento, percebi que não era pintor. E o curioso é que tanto a literatura como a pintura têm a ver com o que faço hoje. Existe uma dimensão literária no trabalho do historiador e tenho muita consciência desse elemento.”

Repensando A HISTÓRIA E O UNIVERSO

Livros mudaram a forma como o homem via a sua trajetória no mundo e revolucionaram nossa visão sobre o universo. Outros apontaram novas direções da história ou expuseram sofrimentos genuínos de períodos que preferíamos não ter vivido. Algumas obras são capazes de orquestrar fatos, ficções, crenças e sentimentos para transmitir experiências através dos tempos.

COMO AS ESPÉCIES EVOLUÍRAM

Em 1831, Charles Darwin partiu em uma expedição científica pelo mundo por cinco anos. De volta à Inglaterra, iniciou um caderno sobre a evolução das espécies, que se tornou a obra *A origem das espécies*. No livro, apresentou a teoria da seleção natural: características hereditárias favoráveis se tornam mais comuns nas gerações sucessivas de uma população. Ele mostrou, pela primeira vez, a lei da natureza, dos mais fortes sobre os mais fracos, e as alterações pelas quais as espécies passam ao longo dos séculos para sobreviver.

O TEMPO SE INTROMETE NO ESPAÇO

A teoria da relatividade de Albert Einstein não é um livro, mas um conjunto de duas teorias científicas que mudaram as bases da Física ao alterar os conceitos de tempo e espaço. O princípio da relatividade afirma que o movimento só tem algum significado quando comparado com algum outro ponto de referência. Até então, a física clássica de Newton considerava apenas a ação da massa dos corpos. O que Einstein fez foi examinar a influência do espaço e do tempo também, redefinindo a gravidade e o conceito de luz.

UMA NOVA FÍSICA

Princípios matemáticos da filosofia natural contém as leis de Isaac Newton para o movimento dos corpos, fundamentação da mecânica clássica e lei da gravitação universal. A partir dele, surge uma nova física, mostrando que as leis que descrevem o movimento dos corpos celestes são as mesmas que descrevem os movimentos de objetos na Terra. O mundo medieval, regido pela crença da Igreja Católica, que condenou Galileu Galilei ao confinamento por discordar das teorias religiosas, ruiu sob o peso da nova ciência.

A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Uma breve história do tempo já nasceu diferente: é um livro sobre ciências para não cientistas, voltado ao público geral. A ideia da popularização da ciência é o grande trunfo de Stephen Hawking, que explora as grandes teorias do cosmos e as contradições e os paradoxos ainda por resolver, mergulhando nos mistérios do universo.



BEATRIZ SARLO (1942)

Professora e escritora argentina, uma das mais proeminentes críticas da sociedade e da literatura de seu país. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2008.

“Numa sociedade com uma escola pública ruim, em que pobres vão às piores escolas, os ricos, às melhores, a TV não concorre com nada, a TV melhora, piora ou equipa a sociedade porque, de fato, a TV reina. Numa sociedade com uma educação poderosa, sólida, estruturada, a TV tem concorrência. Cria-se um público com um certo nível de exigência, um público que vai ver a TV de um certo modo, que vai combinar a TV com a leitura de jornais, com a leitura da internet e de livros.”

PERIGOS DAS DITADURAS

George Orwell é o autor de *1984*, livro que alertou para os perigos dos regimes totalitários, mostrando a sede de poder, a manipulação e a luta de um homem contra a ditadura. O Grande Irmão (*Big Brother*, que inspirou o programa de TV), líder que assume o poder após uma guerra global, a todos observa. Telas vigiam e a “Polícia das Ideias” patrulha os pensamentos. Sua obra anterior, *A revolução dos bichos*, também é uma metáfora sobre ditadura: um porco deseja criar uma granja governada por animais, sem a exploração dos homens, e faz uma revolução.

HEROÍNA APÓS A MORTE

Imagine: aos quatro anos, sua família precisa sair do país, porque o governante quer matar todos que possuam etnias misturadas. Anos depois, precisam fugir novamente e acabam morando na parte secreta de um escritório do amigo de seu pai. Aos 13 anos, Anne Frank ganhou um livretinho e o transformou em diário para expor a tristeza que vivia por causa do nazismo. *Diário de Anne Frank* já foi traduzido para mais de 50 línguas. Anne viveu dois anos escondida, até a Gestapo, a polícia secreta, invadir o esconderijo. Ela foi levada com a família a Auschwitz, e depois, com a irmã Margot, ao campo de Bergen-Belsen, na Alemanha, onde morreu em 1945.

A BANALIZAÇÃO DO TERROR E A MANIPULAÇÃO DAS MASSAS

Ao lançar *As origens do totalitarismo*, Hannah Arendt consolidou seu prestígio como uma importante representante do pensamento político ocidental. No livro, associou, de forma polêmica, o nazismo e o stalinismo, classificando-os como ideologias totalitárias que dependiam da banalização do terror, da manipulação das massas e da falta de consciência crítica. Adolf Hitler e Joseph Stalin seriam semelhantes, tendo atingindo o poder ao explorarem a chamada “solidão organizada” das massas.



A ORIGEM DAS ESPÉCIES

(*On the origin of species*) - 1859
Charles Darwin (1809-1882), naturalista inglês.



1984

(*Nineteen eightyfour*) - 1949 – George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair (1903-1950), escritor, jornalista e crítico inglês nascido na Índia.



PRINCÍPIOS MATEMÁTICOS DA FILOSOFIA NATURAL

(*Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*) - 1687 - Isaac Newton (1642-1727), cientista inglês.



A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

(*Animal farm*) - 1945
George Orwell.



TEORIA DA RELATIVIDADE

(*Relativity: the Special and the General Theory*) - 1905 (Relatividade restrita) e 1915 (Relatividade geral) – Albert Einstein (1879-1955), físico alemão.



AS ORIGENS DO TOTALITARISMO

(*Elemente und Ursprünge totaler Herrschaft*) - 1951 - Hannah Arendt (1906-1975), filósofa política alemã.



UMA BREVE HISTÓRIA DO TEMPO

Do Big Bang aos Buracos Negros (*A brief history of time – From the Big Bang to black holes*) – 1988 - Stephen Hawking (1942), físico e cosmólogo britânico.



DIÁRIO DE ANNE FRANK

(*Het achterhuis*) - 1947 - Annelies “Anne” Marie Frank (1929-1945), estudante alemã de origem judaica vítima dos campos de concentração do nazismo.

#GALILEU GALILEI (1564-1642)

Físico, matemático e astrônomo italiano, considerado o “pai da ciência moderna”. Por sua visão heliocêntrica – o Sol está no centro do universo e não a Terra, como se acreditava –, foi acusado de herege pela Igreja Católica.

#AUSCHWITZ

Maior símbolo do Holocausto, Auschwitz-Birkenau é o nome de uma rede de campos de concentração localizados no sul da Polônia operados pelo Partido Nazista. Cerca de 1,1 milhão de pessoas foram assassinadas em Auschwitz.

#ADOLF HITLER (1889-1945)

Ditador alemão que, com seu objetivo de tornar a Alemanha Nazista (ou Terceiro Reich) hegemônica na Europa, levou 6 milhões de judeus à morte, episódio conhecido como Holocausto.

#JOSEPH STALIN (1878-1953)

Ditador russo que comandou o Estado socialista russo que existiu entre 1922 e 1991, formado por várias repúblicas e governado por um regime de um único partido altamente centralizado.

Os mestres da SUSPEITA

MARX E A IDEOLOGIA

Karl Marx viveu intensamente o período de confronto de classes sociais: o proletariado contra a elite econômica de seu tempo. Quando esteve na Inglaterra, conheceu de perto a situação deplorável do operariado, obrigado a longas jornadas de trabalho em oficinas insalubres e com baixa remuneração. Elaborou, então, a teoria materialista, segundo a qual as ideias devem ser compreendidas a partir do contexto histórico da comunidade em que se vive, porque elas derivam das condições materiais, no caso, das forças produtivas da sociedade. Percebeu também as contradições que surgem entre essas forças produtivas e as relações de produção. Nesse contexto, viu que muitas vezes as ideias vigentes, que aparecem como universais e absolutas,

são de fato parciais e relativas, porque representam as ideias da classe dominante. A maior obra de Marx é *O capital*.

Sua teoria econômica materialista histórica procura explicar como o modo de produção capitalista propicia a acumulação contínua de capital, e sua resposta está na produção das mercadorias.

Três grandes pensadores influenciaram radicalmente a construção do pensamento científico e, até hoje, todas as áreas do saber precisam passar por eles, repensá-los e atualizá-los. Conhecidos como “mestres da suspeita”, Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud são três pensadores que suspeitaram das ilusões da consciência e questionaram o conceito estabelecido de “verdade”, que se pretendia único e imutável.

FREUD E O INCONSCIENTE

Sigmund Freud, fundador da psicanálise, desmente as crenças racionalistas de que a consciência humana é o centro das decisões e do controle dos desejos, ao levantar a hipótese do inconsciente. Diante de forças conflitantes, o indivíduo reage, mas desconhece o que motiva a sua ação. Caberá ao processo psicanalítico auxiliá-lo na busca do que foi silenciado pela repressão dos desejos. A hipótese do inconsciente tornou-se fecunda ao permitir a compreensão de uma série de acontecimentos da vida psíquica. Para a psicanálise, todos os nossos atos trazem significados ocultos que podem ser interpretados. Usando de uma metáfora, poderíamos dizer que a vida consciente é apenas a ponta de um iceberg, cuja montanha submersa simboliza o inconsciente. *O mal-estar na civilização* é considerado o mais importante trabalho de Freud no âmbito da sociologia e antropologia. Trata-se de uma investigação sobre as raízes da infelicidade humana, sobre como todos nós, para vivermos em civilização, precisamos reprimir nossos instintos mais primários.

NIETZSCHE E A INTERPRETAÇÃO

Friedrich Nietzsche foi um filósofo que encarou a questão do conhecimento de outro modo, alterando, assim, o papel da filosofia. Para ele, o conhecimento não passa de interpretação, de atribuição de sentidos, sem jamais ser uma explicação fiel da realidade. Dar sentido a algo significa conferir valores, ou seja, a interpretação não é inocente ou imparcial. Para Nietzsche, o conhecimento resulta de uma luta, do compromisso entre instintos. O filósofo passou por muitas fases, abordando questões de arte, moral e religião. Um de seus livros mais conhecidos é *Assim falou Zaratustra*, no qual apresenta conceitos fundamentais de sua obra como além-do-homem, vontade de poder e o eterno retorno.



IAN MCEWAN

Escritor britânico, reconhecido como um dos mais importantes escritores de sua geração, é autor de *Reparação*, *Sábado*, *Amsterdam* e *O jardim de cimento*. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2016.

“As minhas histórias estavam repletas de coisas escuras, sinistras, com narradores escuros e sinistros. Narradores que pareciam repletos de paixões até ridículas. Eu esperava que essas histórias fossem vistas como histórias de humor negro. Na verdade, eu esperava que elas fossem descritas como sendo histórias de humor negro. Mas, depois de um tempo, eu percebi que fui cada vez mais me colocando contra a parede. E comecei a expandir a minha escrita e entrei na área do realismo. A luta de tentar representar um mundo numa página, que é um mundo do qual todos compartilhamos e reconhecemos.”



O CAPITAL

(Das Kapital) - 1867 - Karl Marx (1818-1883), filósofo, economista, sociólogo alemão.



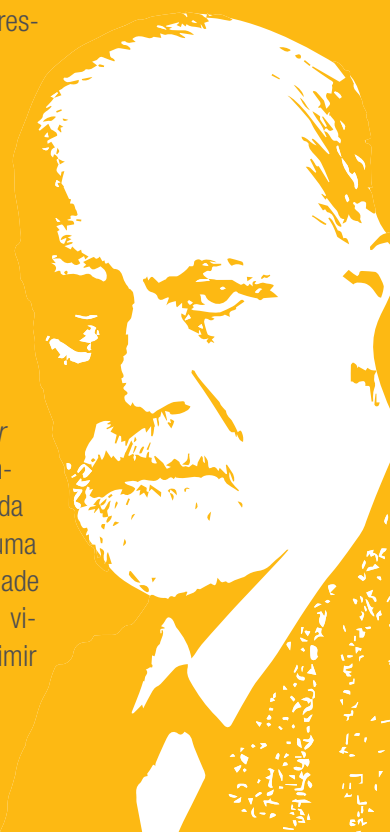
MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

(Das Unbehagen in der Kultur) - 1930 - Sigmund Freud (1856-1939), filósofo alemão.



ASSIM FALOU ZARATUSTRAS

(Also sprach Zarathustra) - 1883 - Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão.



Os proibidos DEFENSORES DA LIBERDADE

No decorrer da história, uma grande lista de livros foi considerada perigosa por diversos regimes que os censuraram ou proibiram, temendo que a população tomasse conhecimento de uma visão de mundo que desagradava as autoridades. Entre esses livros malditos estão também aqueles que foram escritos para defender algum tipo de prática autoritária e violenta de uma época e hoje servem como documentos para compreender o pensamento que prega a barbárie.



A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER

(*Nesnesitelná lehkost byti*) - 1984 – Milan Kundera (1929), escritor tcheco..



OS VERSOS SATÂNICOS

(*The Satanic Verses*) - 1988 - Salman Rushdie (1947), escritor britânico

EXPLICAÇÃO PARA A FALTA DE SENTIDO NA VIDA

A *insustentável leveza do ser*, romance do escritor Milan Kundera, conta a história de homens e mulheres intelectuais que viviam em Praga nos anos 1960 e 1970, durante o regime comunista. O livro analisa comportamentos individuais e sociais de uma forma direta e franca, questionando ideais de relacionamentos, como a monogamia e o casamento. O romance nos mostra como, na vida, tudo aquilo que escolhemos e apreciamos pela leveza acaba bem cedo se revelando de um peso insustentável. Este livro foi proibido na então Tchecoslováquia, e o autor foi exilado desse país. De forma geral, os romances de Kundera tratam de escolhas e decepções e não poupam críticas ao regime comunista e à posterior ocupação da Tchecoslováquia pela Rússia em 1968.

BEM VERSUS MAL

Dois homens caem do céu depois que terroristas explodem o avião em que viajavam. Ambos são indianos e atores, e ambos chegam incólumes ao solo da Inglaterra e se metamorfoseiam – um em diabo, outro em anjo. Transitando livremente entre o real e o fantástico, entre o bem e o mal, entre a infinidade de opostos complementares e inconciliáveis da vida, *Os versos satânicos*, de Salman Rushdie, é alegórico, impregnado de magia e claramente autobiográfico. O livro aborda uma questão filosófica central: quem sou eu? O escritor foi ameaçado de morte por radicais muçulmanos após a publicação do romance. A controvérsia vem da época do **Aiatolá Khomeini**, que, em fevereiro de 1989, decretou a sentença de morte do escritor.

#AIATOLÁ KHOMEINI (1902-1989)

Líder espiritual e político da Revolução Iraniana, que depôs o Xá, título dos monarcas da Pérsia e do Afeganistão, em 1979. Após a queda do Xá, Khomeini assumiu o poder e proclamou a República Islâmica do Irã.

UMA REVOLUÇÃO QUE TROUXE SOFRIMENTO E MORTE

O escritor Alexander Soljenitsin narrou, em *Arquipélago Gulag*, os detalhes do regime comunista. Ele demonstrou como uma revolução não trouxe prosperidade à nação, que sofreu com mortes incontáveis, miséria abrangente e, nos casos mais graves, uma degeneração duradoura de seu povo. Soljenitsin compôs a maior e a mais poderosa condenação de um regime político dos tempos modernos. Sem ficção, sem invenções, é um relato cru e dilacerante da situação nos campos de concentração da União Soviética. O livro foi alvo de intensa polêmica, e o autor acabou optando pelo exílio nos Estados Unidos. *Arquipélago Gulag* é uma radiografia do Estado comunista e de seu sistema de prisões para dissidentes políticos. “Gulag” é a sigla em russo de Diretório Geral de Campos.

UM ESTUDO DA PSIQUÊ HUMANA

Um dos livros mais importantes da cultura ocidental, *O martelo das bruxas* (ou *O martelo das feiticeiras*) é um depósito das leis que vigoravam no **Estado teocrático**. A obra revela as articulações concretas entre sexualidade e poder, e por isso é uma peça ímpar para estudar a profundidade da psiquê humana e o funcionamento das sociedades. Durante quatro séculos, este livro foi o manual oficial da Inquisição para caça às bruxas. Levou à tortura e à morte mais de 100 mil mulheres sob o pretexto, entre outros, de “copularem com o demônio”. Esse genocídio faz parte da formação das sociedades modernas europeias. Os autores do livro foram os monges dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger, que foram chamados pelo papa Inocêncio VIII para uma missão pelo norte da Europa, buscando evidências de pactos satânicos nos cidadãos comuns.

#ESTADO TEOCRÁTICO

É o estado em que há uma única religião oficial, que exerce o controle político na definição das ações governamentais. Nos países teocráticos, o sistema de governo está sujeito à religião oficial.



ÅSNE SEIERSTAD (1970)

Jornalista e escritora norueguesa, atuou como correspondente de guerra em alguns dos principais cenários de combate mundial. Autora dos *best-sellers* *O livro de Cabul* e *101 dias em Bagdá*. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2007.

“Quando um escritor escreve um livro, pelo menos era assim que eu pensava que fosse, termina e pronto, o livro está aí e é o mesmo, seja quem for que o abra, o livro é o mesmo. Porém, quanto mais trabalhava como jornalista e como escritora, mais me dava conta de que o livro sempre se modifica. Uma coisa é o que o autor apresentou e outra é o que vocês, leitores, percebem e o que conseguem compreender a partir dele, o que resulta, que tipo de mistura resulta no final. Meus livros são traduzidos para 40 idiomas e encontrados em cerca de 100 países. E o fato de que somos diferentes pode provocar conflitos. A literatura pode unir, mas pode também contribuir para rupturas, como aconteceu com alguns de meus livros.”



ARQUIPÉLAGO GULAG

(*Arkhipelag GULAG*) – 1973 – Alexander Soljenitsin (1918-2008), romancista e historiador russo.



O MARTELO DAS BRUXAS

(*Malleus Maleficarum*) - 1487 – Heinrich Kramer (1430-1505) e James Sprenger (1435-1495), monges dominicanos alemães.



Um patrimônio da HUMANIDADE

Grandes narrativas para um grande número de pessoas. Sejam viagens pelo mundo ou pelo interior do ser humano, nosso fascínio pelo desconhecido é uma constante, e a procura por histórias que nos representem revela que somos seres aventureiros da existência. Seleccionamos algumas obras que navegam dentro e fora de nós.

O LIVRO MAIS TRADUZIDO E CONHECIDO DO MUNDO

Traduzida para mais de 2 mil idiomas, a Bíblia é o livro mais conhecido do mundo. Com mais de 6 bilhões de exemplares vendidos, atualmente, é dividida em duas partes: Antigo e Novo Testamento (ela foi dividida no ano de 1227). O Antigo Testamento, composto de 46 livros, apresenta a história do mundo desde sua criação até os acontecimentos após a volta dos judeus do **exílio babilônico**, no século IV a.C. O Novo Testamento, composto de 27 livros, traz a história de Jesus Cristo e a pregação de seus ensinamentos, durante sua vida e após sua morte e ressurreição.



BÍBLIA

(significa "coleção de livros") - escrita entre 1445 a.C. e 450 a.C. (livros do Antigo Testamento) e 45 d.C. e 90 d.C. (livros do Novo Testamento), totalizando um período de quase 1.600 anos – segundo a tradição, foi escrita por 40 autores.



CORÃO ou ALCORÃO

(*al-Qur'ân* significa "a recitação") - a reunião dos textos iniciou no ano de 632 - a comitiva de Maomé transcrevia as revelações recebidas pelo profeta.

A MAIOR RELIGIÃO DO MUNDO

Para os islâmicos (ou muçulmanos), o Corão (ou Alcorão) contém as palavras de Alá, Deus, reveladas ao profeta Maomé (570-632), pelo anjo Gabriel, ao longo de 22 anos. Origem do islamismo, maior religião do mundo, com cerca de 1,3 bilhão de adeptos, o Corão não é apenas um livro espiritual, é usado como lei e código moral em cerca de 40 países. Uma das lutas políticas na contemporaneidade é o laicismo, ausência de envolvimento religioso em assuntos governamentais, justamente pelos problemas que as leituras literais dos livros sagrados criam. Na França, que abriga a maior comunidade islâmica da Europa, o aumento do número de muçulmanos acompanha o crescimento dos conflitos culturais. Assim, o filósofo **Luc Ferry**, no período em que foi ministro da Educação, proibiu que estudantes usassem símbolos religiosos nas escolas. A lei provocou a ira de muçulmanos, pois a fé obriga que meninas cubram parte do rosto.

#EXÍLIO BABILÔNICO

Também chamada de Diáspora Judaica, foram diversas expulsões do povo judeu que começam em 721 a.C com a invasão babilônica.

#LUC FERRY (1951)

Filósofo e ministro da Educação da França entre 2002 e 2004, é reconhecido mundialmente como defensor do humanismo secular, postura filosófica que afirma que os seres humanos são capazes de ser éticos e morais sem religião ou sem um deus. Conferencista do Fronteiras do Pensamento nos anos de 2007 e 2011.

#SANTO AGOSTINHO (354-430)

Bispo, escritor, teólogo e filósofo argelino, é uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente.

#RUSTICHELLO DE PISA (FINAL DO SÉCULO XIII)

Romancista italiano que escrevia em francês provençal, língua mais falada por aqueles que não empregavam o latim.

A BUSCA PELO AUTOCONHECIMENTO

Na filosofia chinesa, "tudo passa", tudo é mutável, menos a própria mutação, que é constante e representa a essência da vida. I-Ching, o livro das mutações explica essas transformações, base da filosofia oriental. De acordo com o I-Ching, tudo que ocorre no céu e na terra pode ser expresso em um dos oito trigramas, que se combinam e formam 64 variações. Essas formas simbolizam os grandes desafios da existência, fazendo do I-Ching um livro de filosofia e um oráculo, que fornece soluções a quem souber perguntar e interpretar as respostas. Um sistema organizado de busca por autoconhecimento.

O ENCANTO DAS NARRATIVAS

Mitos, narrativas simbólicas e personagens atemporais sem religiões específicas por trás estão incorporados em *As mil e uma noites*, livro que compila contos de diversos locais do Oriente, centrados no rei de um povo reconhecido por sua sabedoria: os persas. Na obra, o rei Xariar é traído pela esposa, manda matá-la e decide passar cada noite com uma mulher diferente, a ser degolada na manhã seguinte. Até que chega a esperta Sherazade, que inicia um conto para ser continuado apenas na noite seguinte, garantindo sua sobrevivência. Sherazade conta narrativas durante mil e uma noites. A estrutura da obra é típica da filosofia oriental, com os textos encadeados uns nos outros.

UMA JORNADA PELO ORIENTE

Aos 17 anos, o jovem Marco Polo vai para a China com seu pai e seu tio. Recebidos pelo imperador Kublai Khan, Marco se torna seu embaixador geral, visitando toda a Ásia. Em 1292, ele inicia a viagem de retorno para casa, em Veneza. Acaba capturado pelos genoveses e, da prisão, dita suas experiências ao italiano **Rustichello de Pisa**, que compila as narrativas no livro *As viagens de Marco Polo*. O relato da jornada inaugura a era dos exploradores e colonizadores. A obra aproximou a Europa da China e de outras terras do continente asiático. Isso interferiu na economia da região, pois, após os detalhes encontrados nas histórias, descobriu-se uma rota possível para a Ásia, acelerando o comércio marítimo.



KAREN ARMSTRONG (1944)

Escritora britânica, criadora da ONG Charter for Compassion, mundialmente conhecida por disseminar as Regras de Ouro, os valores comuns de bem e de amor comuns a todas as religiões. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2013.

"No século IV, **Santo Agostinho** disse que, se um texto bíblico contradísse a ciência, crentes deveriam buscar uma nova interpretação para o texto. Esta era a prática até o século XVII. A Bíblia não tentava apresentar uma visão ortodoxa, a forma que seus editores incorporaram às diversas tradições nos dão vários ângulos – em um mesmo livro – sobre a história da criação. No Novo Testamento, há quatro distintas visões de Jesus. A mensagem é que, porque Deus é infinito, a Bíblia não pode ser reduzida a um único significado."



I-CHING

(*Yi Jing*) - entre 475 a.C. e 221 a.C. - Fu Xi (3000 a.C.), ancião chinês que, segundo a lenda criada acerca de sua figura, inventou a escrita e viveu por 197 anos.



AS MIL E UMA NOITES

(*Kitāb 'alf layla wa-layla*) - século IX - coleção de histórias e contos populares originárias do Médio Oriente e do sul da Ásia e compiladas em língua árabe.



AS VIAGENS DE MARCO POLO

(*Il Milione*) - em 1315, o livro foi traduzido para o latim e, em 1471, traduzido em várias línguas e impresso - Marco Polo (1254-1324), mercador, embaixador e explorador italiano.

grandes narradores BRASILEIROS

Viajar pelo Brasil através de seus narradores é uma das aventuras mais instigantes e desafiadoras que podemos realizar sem sair de casa. Destacamos quatro escritores que nos ajudam a conhecer um pouco da geografia e da alma de um povo que vive seu cotidiano, suas lutas e contradições.

MACHADO DE ASSIS E O BRASIL DO IMPÉRIO

A obra de Joaquim Maria Machado de Assis ilustra uma riqueza cultural genuinamente brasileira, pois o escritor dá a seus leitores um painel social e psicológico da atmosfera brasileira da corte do II Império. Sua terra e seu tempo se deixavam transparecer nos seus escritos de forma lúcida e questionadora, através de inconfundível estilo, que mostra domínio da língua portuguesa e uma fina ironia, própria de um filósofo que faz do questionamento um caminho para o conhecimento. Algumas das principais obras do autor são *Dom Casmurro*, que apresenta um narrador nada confiável contando a história de uma suposta traição, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que mescla elementos fantásticos ao apresentar uma história contada por um defunto, e *O alienista*, que questiona as definições do que é sanidade e loucura.



DOM CASMURRO

1899 – Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), escritor carioca.

O HOMEM CONTEMPORÂNEO DE ERICO VERISSIMO

Erico Verissimo é um dos nomes mais significativos da literatura de nosso país. Gaúcho dono de um estilo que não apela a palavras rebuscadas, cheio de expressividade, conquistou o público com obras que têm como foco a temática regional e as inquietações do homem contemporâneo. A bibliografia de Erico Verissimo pode ser dividida em três fases: da primeira, fazem parte os romances urbanos *Clarissa*, *Música ao longe*, *Um lugar ao sol* e *Olhai os lírios do campo*, entre outros. Na segunda fase, estão os romances históricos *O continente*, *O retrato* e *O arquipélago*, que formam a trilogia *O tempo e o vento*, uma recriação da genealogia e da história do Rio Grande do Sul, considerada a obra-prima do escritor. *O senhor embaixador*, *O prisioneiro* e *Incidente em Antares* são os chamados romances políticos, da terceira fase, que fazem a denúncia do fanatismo ideológico e defendem os direitos humanos. A obra *O tempo e o vento* também foi levada às telas de cinema.



O TEMPO E O VENTO

1949, com a publicação de O continente
Erico Verissimo (1905-1975), escritor gaúcho.

DIFICULDADES E VIOLÊNCIA NA ÓTICA DE GRACILIANO RAMOS

Graciliano Ramos narra histórias que acontecem no Nordeste brasileiro e falam da vida do povo com uma linguagem direta e típica. Contista, cronista e romancista, viveu sua infância sob o regime das secas e dos castigos que lhe eram aplicados por seu pai, o que o fez alimentar a ideia de que todas as relações humanas são regidas pela violência. Em 1927, foi eleito prefeito de Palmeira dos Índios/AL. E, em 1933, aos 41 anos, estreou na carreira de escritor com o romance *Caetés*. Na mesma época de sua publicação, completou *São Bernardo*, primeiro livro de sua obra-prima, a trilogia que inclui *Angústia* e *Vidas secas*. Em 1936, foi acusado de comunista e mandado para a prisão, onde foi humilhado e maltratado. O fruto desse período é o livro *Memórias do cárcere*.

O MUNDO NOVO DE GUIMARÃES ROSA

Por muitos anos, João Guimarães Rosa exerceu a profissão de médico, mas foi também diplomata na Europa e na América Latina. Autor brasileiro cuja obra revolucionou o uso da linguagem, utilizando com liberdade, mas sempre dentro dos limites da língua, neologismos, arcaísmos e mudanças de posição dos termos da frase, mantendo uma dicção poética. No Brasil, existe um consenso de que a obra de Guimarães Rosa é de difícil leitura, especialmente pela pontuação e linguagem. Mas se ela for lida em voz alta, obedecendo à pausa da pontuação, os textos passam a ser perfeitamente compreensíveis. O início de sua carreira literária aconteceu oficialmente em 1946, com a publicação do livro de contos Sagarana. Depois vieram o volume de novelas *Corpo de baile* e o romance *Grande sertão: veredas*, entre outros.



SÃO BERNARDO

1934 - Graciliano Ramos (1892-1953), escritor alagoano.



GRANDE SERTÃO: VEREDAS

1956 - João Guimarães Rosa (1908-1967), médico, diplomata e escritor mineiro.



MILTON HATOUM (1952)

Escritor brasileiro vencedor de três prêmios Jabuti, suas obras já venderam mais de 200 mil exemplares no Brasil e foram traduzidas para vários países. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2008.

“Existe uma diferença grande entre a crônica, entre os fatos vividos e a transcendência desses fatos. Literatura é a transcendência da vida. O que eu escrevi no início era apenas uma lembrança muito pontual e sequencial da minha vida. Não servia para ser publicado, não me emocionava, não me tocava... Eu tentei, muitas vezes, copiar escritores. Como eu plagiei. Como diria o Borges sobre Macedonio Fernández... Ele dizia: eu o admirava até o plágio! Eu plagiei todos os nossos escritores. Uma das buscas para quem quer ser escritor é passar do plágio para o encontro da sua própria voz.”

#MACEDONIO FERNÁNDEZ (1874-1952)

Escritor argentino, autor de uma obra original e complexa, que inclui novelas, contos, poemas, artigos de jornal, ensaios filosóficos e textos inclassificáveis, exerceu grande influência sobre a literatura argentina.

Efeitos sociais DA ESCRITA

Difícilmente pensamos na escrita como uma tecnologia de comunicação. Antes dela, havia a palavra falada. Os efeitos econômicos, administrativos, legais, religiosos e macrossociais do surgimento da escrita devem ser levados em conta para compreender nossa própria civilização. Nas páginas a seguir, a palavra é de autores que se debruçaram sobre a relação entre escrita e cultura, tecnologia de comunicação e contexto cultural.

A ESCRITA MUDA A ECONOMIA E A LEI

Jack Goody é um antropólogo britânico interessado nos efeitos sociais da escrita, mas não exclusivamente na **escrita fonética**. Comparando as sociedades orais africanas com as sociedades com escrita da Mesopotâmia Antiga, Goody constatou que o efeito global da escrita é permitir uma maior complexidade (tamanho, duração temporal, distribuição espacial) das transações econômicas. A ausência de escrita obriga as pessoas a usarem apenas a memória e limita o que se pode realizar em termos econômicos. Além disso, no mundo das leis, as regras estabelecidas oralmente são mais flexíveis e adaptáveis do que as escritas. Ao escrever as normas na forma de um código ou decreto, é preciso de grande esforço para fazer alterações. Outro traço importante que decorre da presença da escrita é a criação de um grupo especializado em lidar com a lei, com seus rituais e jargões. Assim, a relação da lei com a sociedade formaliza-se com o advento da escrita.

FLUSSER E A INVENÇÃO DA PÓS-HISTÓRIA

O filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser se debruça sobre os diversos efeitos sociais da escrita, principalmente a invenção da história e do pensamento histórico que imita a escrita, pensando os acontecimentos em forma linear. Será que, hoje em dia, com tantas pessoas alardeando o fim da escrita, isso significa que todo um modo de pensar e agir está em decadência e que a história não é mais linear?

Se a partir da escrita surge a ciência, a técnica, a economia e a política, também a escrita com sua lógica de partir das coisas concretas para os tipos abstratos legitima a insanidade. Os exemplos de Flusser vão desde Auschwitz, campo de concentração do nazismo na Alemanha que assassinou tantas pessoas, aos armamentos nucleares e à destruição do meio ambiente. O pensamento tipográfico, aquele que codifica uma realidade concreta, a abstrai e pode dar lugar à barbárie sem a mínima dor de consciência, poderia, segundo Flusser, ser superado.

#ESCRITA FONÉTICA

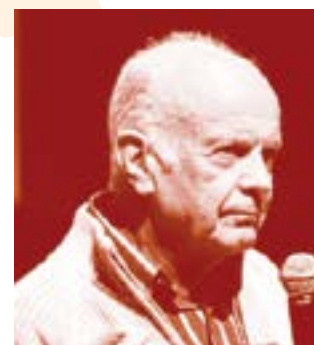
Qualquer sistema de escrita que se baseia na representação dos sons da fala. Exemplo: aqueles símbolos nos dicionários, que explicam como pronunciar o verbete.

MCLUHAN, A ESCRITA E O PONTO DE VISTA ÚNICO

O filósofo canadense Marshall McLuhan parte de uma tese central para compreender a escrita e todo e qualquer meio ou tecnologia: o Meio é a Mensagem. Isso significa que o meio, geralmente pensado como simples canal de passagem, mero veículo de transmissão da mensagem, é um elemento determinante da comunicação e da vida e da organização da sociedade.

McLuhan fala principalmente de três grandes eras, cada uma com um meio dominante. A cultura oral ou acústica, própria das sociedades não alfabetizadas, cujo meio de comunicação por excelência é a palavra oral (dita e escutada). A segunda é a cultura tipográfica ou visual, que caracteriza as sociedades alfabetizadas e que, pelo privilégio atribuído à escrita e, conseqüentemente, à leitura, se traduz na valorização do sentido da visão. E a terceira é a cultura eletrônica, determinada pela velocidade instantânea que caracteriza os meios elétricos de comunicação e pela integração sensorial para a qual esses meios apelam.

A escrita favorece a adoção de um ponto de vista único, desenvolve a uniformidade de quem escreve e de quem lê, suscita a ordenação lógica do discurso, permitindo a construção de saberes racionais. Entre outros efeitos, a escrita teria tornado possível a constituição de coletividades nacionais alargadas e do sentimento de nacionalismo.



DONALDO SCHÜLER (1932)

Professor, tradutor e escritor brasileiro, conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2007.

“O iletrado Martín Fierro, formado nos segredos do deserto, compreende antes de teorizar. Era iletrado porque as autoridades não lhe abriram as portas da escola. Illetrados não são incultos. Illetrados foram mortos para que gente saída de escolas pudesse ocupar o espaço. Martín Fierro cultivou no deserto sentimentos que faltavam a letrados.”

DERRIDA E A DESCONSTRUÇÃO DO TEXTO

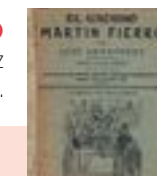
O filósofo argelino Jacques Derrida não se ocupa tanto dos efeitos da escrita como meio, mas nos deixa um método para desconstruir um texto, entendendo texto no sentido amplo, isto é, tudo aquilo que pode sugerir um determinado sentido: um livro, uma carta, um filme, um comercial de TV, uma roupa ou um game. Mas, ao afirmar que “não existe nada fora do texto”, Derrida assume que a linguagem é o *habitat* natural de toda sua atividade filosófica e literária. A proposta de desconstrução que o tornou célebre seria impensável sem os textos, os verdadeiros objetos da desconstrução. O método desconstrutivo é fundamental para superar o **logocentrismo**. Assim, ele defende a existência de uma escritura (*écriture*) que não está sujeita à autoridade de quem escreve. Para Derrida, o sentido de um texto está sempre adiado, nunca pode ser fixado nos limites de um suposto significado dado pelo autor, e só a participação no jogo desconstrutivo pode nos aproximar da verdadeira compreensão do texto, porque, afinal, toda a linguagem é metafórica.

#LOGOCENTRISMO

Termo criado pelo filósofo alemão Ludwig Klages (1872-1956) e que se refere à tendência no pensamento ocidental de se colocar o logos (razão) como o centro de qualquer texto ou discurso.

MARTÍN FIERRO

(*El gaucho Martín Fierro*) - 1872 – José Hernández (1834-1886), político e jornalista argentino.



Novas histórias NOVAS FORMAS

Com o passar do tempo, o livro foi alternando suportes, se apropriando de novas linguagens e buscando modos transmidiáticos de narrar. Principalmente com a parceria entre literatura, internet e games, surgem novos sentidos para o livro, a escrita e a leitura. Por outro lado, a formação de um público cada vez mais ativo, em sua relação com os meios de comunicação, estimula a produção de novas formas de acesso a seu conteúdo.

Antigamente, havia uma grande divisão entre televisão, rádio, cinema e livro: os suportes e as suas linguagens eram diferentes entre si. Atualmente, o celular e o tablet podem ser um livro quando baixamos e lemos um e-book, mas também podem ser TV ou rádio. Segundo o pesquisador da Escola Superior de Publicidade e Marketing Vinícius Andrade Pereira, o jovem olha a tela hoje sem seguir o modelo linear de leitura clássica de esquerda para direita e de cima para abaixo, é outro o movimento dos olhos.

Ele demonstra também como os jovens que jogam games desenvolvem uma capacidade de percepção que os não jogadores não têm. Foram feitas experiências com adultos não jogadores que, após oito semanas da prática do jogo, também começaram a responder a esse novo padrão de visualidade – sensível a estímulos ultrarrápidos que aparecem na periferia da tela. São processos silenciosos, muitas vezes desconhecidos, de construção de novas formas de olhar e de ler superfícies das mais diversas.

MOBY-DICK

(*Moby-Dick - or The whale*) – 1851 – Herman Melville (1819-1891), escritor norte-americano.



Arte e linguagens CONTEMPORÂNEAS

Desde o surgimento da internet, a arte vem se debruçando sobre as novas experiências da escrita. Na obra *O livro depois do livro*, a midiartista e pesquisadora Giselle Beiguelman fala sobre leitura e internet. O texto foi escrito em dois formatos: site e livro. A nomenclatura dos dois formatos foi propositalmente invertida. Enquanto a versão livro tem seus capítulos divididos com termos de computação (instalação, configuração e sair), a versão para internet apropria-se dos recursos de organização dos impressos (índice, capa e colofão), revalidando suas funções de localização e referência.

Inspirado no conto *O livro de areia*, de Jorge Luis Borges, tem números negativos e exponenciais associados às páginas (como -1 e 0n) e recursos técnicos que impedem de voltar às páginas lidas pelos botões de avanço e retorno do navegador. O livro foi escrito entre 2002 e 2003, e sua estrutura contradiz as etapas de instalação de um programa, permitindo que os capítulos sejam lidos em qualquer ordem e como ensaios independentes. O livro pode ser acessado no site www.desvirtual.com/thebook.

A obra *Nio* (2001), do artista visual, programador e poeta canadense Jim Andrews, trabalha com o conceito de “fusão dinâmica”, que aponta para novas formas de literatura. Essas formas preparam para a leitura de várias linguagens em um mesmo tempo: cinematográficas, videográficas, textuais e sonoras. Nio opera com 16 camadas de áudio que podem ser manipuladas pelo leitor-ouvinte e põe em questão, o tempo todo, os limites e as fronteiras que permitiam objetivar as diferenças entre música, literatura e vídeo, suscitando o debate sobre o hibridismo no contexto e a simultaneidade das gerações nascidas na cultura digital. A obra pode ser visitada em www.vispo.com/nio/pens/index.htm



PIERRE LÉVY (1956)

Filósofo da informação francês, reconhecido pesquisador das tecnologias da inteligência, investiga as interações entre informação e sociedade. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2007.

“A leitura na tela, multimídia, interativa, percorre um processo já antigo de artificialização da leitura. Ler é selecionar, esquematizar, construir uma rede de palavras e imagens para uma memória pessoal em reconstrução permanente. Que diferença podemos estabelecer entre as páginas dos livros e dos jornais e aquele que se inventa hoje sobre as relações digitais? A digitalização introduz uma revolução: não é mais o leitor que segue as instruções do texto. Da tela em diante é o texto móvel que gira, torna e retorna à vontade do leitor.”

Um novo livro

Já sentiram falta de um “pesquisar” no livro? Digitar Ctrl+F e encontrar um pedaço da obra que chamou a atenção, mas sumiu?

É incrível, mas estamos reaprendendo a ler ao interagir com o texto – cortar, moldar, ouvir, assistir, compartilhar. Cada vez mais, lemos o que outro compartilhou e ajudamos a espalhar notícias e matérias nas redes sociais.

O HIPERTEXTO TRANSFORMA O ATO DE LER NUMA VERDADEIRA EXPERIÊNCIA, REVOLUCIONANDO A PRÓPRIA IDEIA DE LEITURA.

O conceito de hipertexto existe desde os séculos XVI e XVII, quando pesquisadores identificaram a hipertextualidade na presença de notas explicativas, não lineares – as notas de rodapé. Na década de 1960, o filósofo e sociólogo norte-americano Theodore Nelson retomou a ideia, conceituando-a como a ligação entre textos que convergissem para um mesmo assunto central, mas com algumas variações, tanto de abordagem quanto de mídia. Porém, o hipertexto ainda não tinha um espaço para existir em sua potência máxima – foi preciso o surgimento da internet. Pierre Lévy elencou as características para esta nova leitura.

Neste momento em que não sabemos muito bem para qual direção ir, em que se testam diversas alternativas, construindo novas formas de apreender, o conhecimento passa a interagir em um cérebro multimídia. Alunos consultam o Google para aprofundar assuntos vistos em sala de aula. Acessam sites enquanto assistem televisão. Interagem constantemente nas redes sociais. Tudo se mistura e integra. O livro também acompanha esse movimento de expansão do conhecimento.

- **PRINCÍPIO DA METAMORFOSE:**
construção e renegociação de sentidos.
- **PRINCÍPIO DA HETEROGENEIDADE:**
tanto as informações como as conexões têm um caráter extremamente heterogêneo, podem ser compostos de imagens, sons, palavras etc.
- **PRINCÍPIO DA MULTIPLICIDADE:**
se organiza de forma “fractal”, ou seja, cada conexão pode revelar uma rede de novas conexões.
- **PRINCÍPIO DA MOBILIDADE DOS CENTROS:**
a rede tem uma estrutura com múltiplos e móveis centros, que se organizam de acordo com o fluxo da narrativa e da leitura.

ROBERT DARNTON

não se satisfaz em apenas pensar o novo livro. Ele se aventurou num projeto sem precedentes: digitalizar a maior biblioteca do mundo, da Universidade de Harvard, da qual é diretor. Darnton vê na internet não uma inimiga ao livro, mas como uma ferramenta que transformará a leitura ampliando seu acesso:

A HISTÓRIA DA MÍDIA ENSINA:

nenhum meio por si só mata outro meio. O rádio não destruiu o livro, a televisão não destruiu o rádio, a web não é ameaça. Os meios têm essa mágica de se transformar e interagir uns com os outros, numa profunda relação intercambiável.

Mas essa nova leitura multimídia está prejudicando nossa compreensão linear da história como um todo?

#ROBERT DARNTON (1939)

Historiador norte-americano, especialista na cultura do livro e na cultura francesa do século XVIII. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* nos anos de 2007 e 2016.



ORHAN PAMUK

Escritor turco, Prêmio Nobel de Literatura em 2006. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2011.

“Feliz ou infelizmente, tenho que reler meus romances quando são reeditados. Tenho curiosidade de rever como eu resolvi um ou outro problema num romance antigo. Às vezes, fico com a sensação ‘já vi este filme antes’, mas, em outros momentos, leio trechos bonitos feitos na minha juventude e sinto que eu era outra pessoa.”

“

“Os números de publicações estão crescendo. O livro não está morto. As pessoas adoram o livro impresso, mas isso não exclui o digital.”

”

“Estudando a história dos livros, a gente tem algumas surpresas. Boa parte da leitura já era fragmentada no passado. As pessoas não tinham instrumentos de busca por palavra, mas sabiam como localizar passagens que eram relevantes para as suas necessidades particulares”.

O conhecimento está por toda a parte, espalhado entre mídias visuais e auditivas, disseminado pela web, compilado em brochuras de livros.

O avanço da tecnologia não acabou com o ato de leitura, mas o transformou e, ao ampliar o acesso, foi responsável pela sua democratização.

Hora de aproveitar tudo isso e mergulhar na leitura, que, desde o seu surgimento, tem mudado o mundo e, mesmo em pleno século XXI, todos nós ainda temos muito a aprender com ela.

Você, que faz parte da “Geração Z”, é sujeito e protagonista do mundo no século XXI, com amplo acesso a todos os caminhos da informação. Com a internet e os meios digitais, os relacionamentos, o conhecimento e a educação ganharam um novo cenário. Isso potencializa as oportunidades para que você aprenda e aja para melhorar o mundo, do seu ambiente familiar à nação, do seu bairro ao globo conectado.

Seja em prosa ou poesia, uma história em quadrinhos ou uma publicação eletrônica, o livro permite viagens sem limites, potencializa a imaginação, enriquece a linguagem e abre inúmeras possibilidades. Muitas obras influenciaram nossa maneira de pensar e mudaram a forma como entendemos a interagimos com o mundo na atualidade. Este é um convite para atravessar fronteiras e ir além de suas potencialidades, descobrindo novos mundos.

PATROCÍNIO

REALIZAÇÃO



Secretaria de
Cultura e Economia Criativa



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA

